Acervo ISA

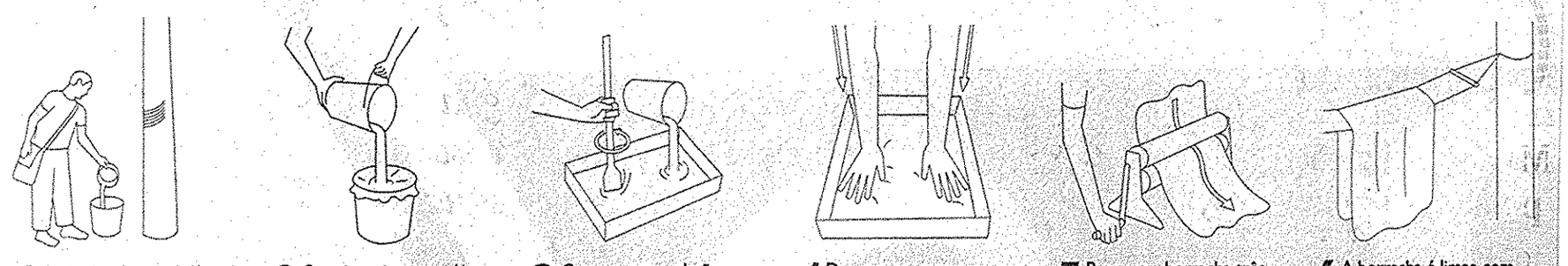
Documentação
Fonte CB
Data 17/2/2000 Pg. 16
Class. 105

CIDADANIA DA FLORESTA

A Amazônia do terceiro milênio é a região do desenvolvimento sustentável. Onde o povo não será espectador de grandes projetos, mas empreendedor. Novas tecnologias e turismo são os impulsos para a geração de renda.

NASCIMENTO DA FLORESTANIA

CICLO DA BORRACHA



1 A técnica desenvolvida pela Universidade de Brasília começa com a coleta convencional e dispensa a defumação com fogo

2 O seringueiro coa o látex, em malha de plástico, peneira de ferro ou pano de algodão. O balde deve ter 50 ml de formol

3 Começa a coagulação. Em bandeja com água e solução coagulante, coloca-se a borracha diluída. Mistura-se e cobre com plástico preto

4 Demora entre uma e duas horas para coagular, ficando igual a um queijo fresco. Em outra bandeja, aperta-se para afinar

5 Passa-se a borracha três vezes pela calandra. O equipamento deverá estar bem limpo, para a qualidade do produto

6 A borracha é limpa com água. Com ajuda de luvas, o produto é mergulhado em conservante. As folhas secam em varal por três a cinco dias

Editoria de Arte/Kleber Sales

Fim do amadorismo

Cristina Ávila
Enviada especial

Marechal Thaumaturgo (AC) — A Universidade de Brasília (UnB) está desenvolvendo projeto, em parceria com o Greenpeace, para a produção de borracha utilizando a tecnologia defumação líquida (*veja quadro acima*), dispensando beneficiamento em usinas e a fumaça usada tradicionalmente pelos seringueiros. O produto já sai pronto da floresta, em pequenas lâminas, para as indústrias. A tecnologia está sendo utilizada em cinco estados da Amazônia, mas a primeira produção comercial será do Acre. No próximo ano, quando a rede produtiva estiver consolidada, a UnB vai propor um mapeamento genético das melhores seringueiras. Será o único no mundo.

"Esse trabalho é mais difícil, mas tem a garantia da saúde. Defumar uma bola de 50, 60 quilos demorava até 10 dias. E tinha muita quentura do fogo, fumaça que ardia nas vistas. Agora, tem que ter o cuidado com a limpeza, mas o produto é de primeira qualidade, e tem melhor preço porque vai direto para a indústria em São Paulo. Antes tinha que passar pela usina em Cruzeiro do Sul. Agora a gente tem um produto que é dinheiro na mão", explica o seringueiro Olimar Vieira da Silva, 42 anos, que está experimentando a tecnologia da UnB na Reserva Extrativista de Alto Juruá, no extremo norte acreano.

O beneficiamento é feito em uma casinha de palha, típica da região Amazônica. O processo inicia com a coleta tradicional do látex nas árvores. Depois, a família assume o resto da tarefa. Faz a coagulação do leite e passa pela calandra, até que a borracha fique fina, formando lâminas.

A mulher de Olimar, Luiza, 40 anos, está feliz. A produção está apenas começando, são só seis meses de trabalho. A comercialização de verdade não começou. Mas já vendeu mais de 100 quilos de borracha beneficiada, por R$ 2,40 o quilo. "Tô alegre", diz ela. "A vida aqui já foi muito dura."

Mas há iniciativas para melhorar ainda mais as perspectivas das famílias da Amazônia. "Temos condições para produzir ao menos duas toneladas deste tipo de borracha por ano", enfatiza Rafael Pinzon, chefe do Centro Nacional para o Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais, órgão do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

Desde 1998, o Ibama investiu R$ 580 mil no projeto da UnB, para a criação de unidades familiares no Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso e Pará. Até abril, cerca de 270 famílias serão beneficiadas. O órgão também construiu usinas de beneficiamento tradicional de borracha no Acre e Amazonas. O Banco da Amazônia (Basa) oferece financiamento a seringueiros, para iniciarem a produção.

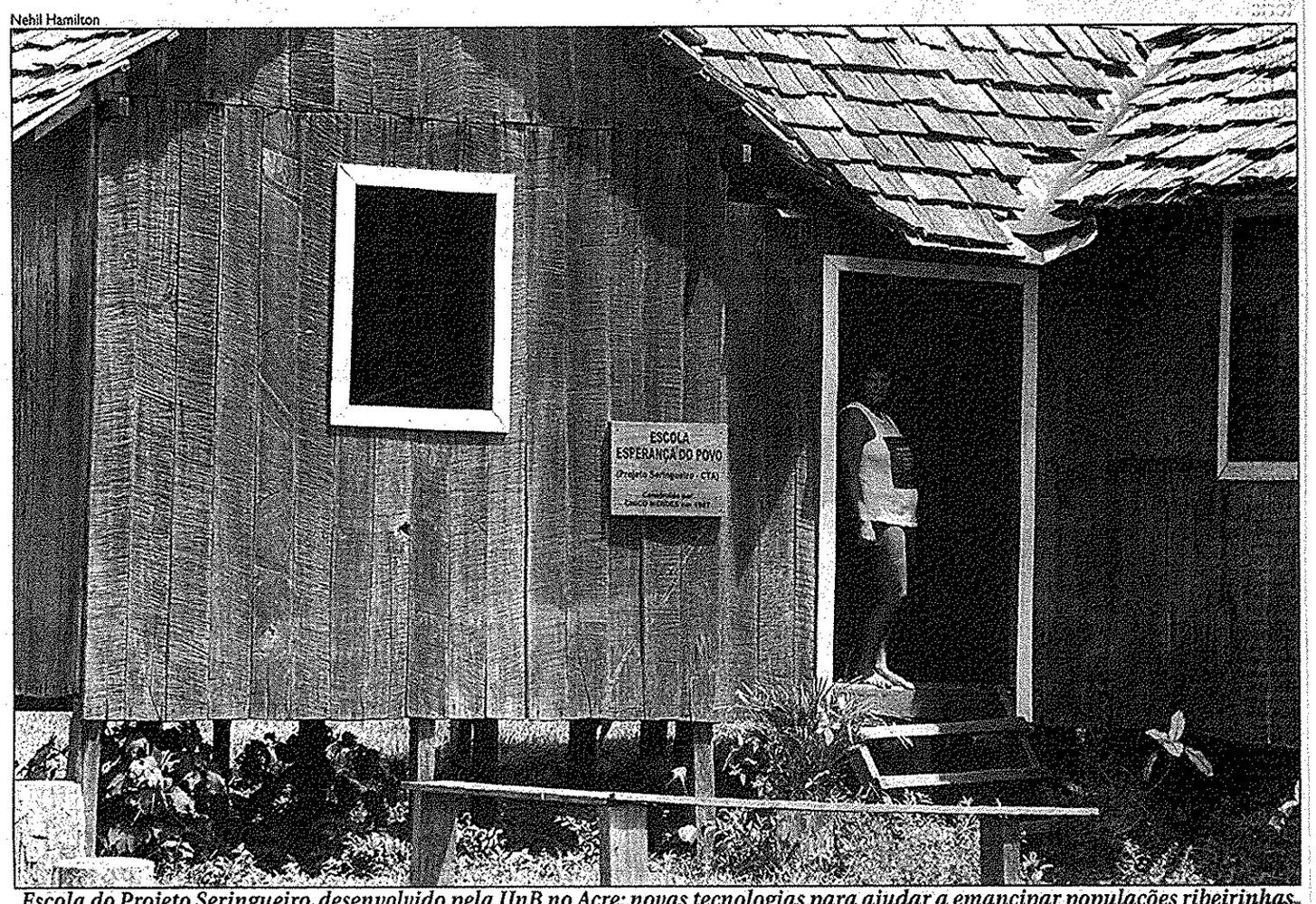
AGREGANDO VALORES

O beneficiamento familiar da borracha em Carauari (AM) é o primeiro projeto com alternativas econômicas do Greenpeace na Amazônia. A organização não-governamental (ONG) está mandando nesta semana 858 quilos de lâminas para sua sede na Holanda. O produto vai passar por testes para a fabricação de *tapetinhos* para *mouse* de computador, que serão usados em campanhas de preservação do meio ambiente. "O trabalho da UnB agrega valores à borracha, que é a síntese da atividade cultural da região", diz o coordenador de Campanhas do Greenpeace no Brasil, Ruy de Goes.

Indústrias gaúchas já testaram quatro toneladas do produto, distribuído por meio do Centro de Tecnologia de Polímetros, de São Leopoldo. O autor do projeto, professor Floriano Pastore, está satisfeito com os resultados das pesquisas, que começaram em 1994 em seu laboratório de química na UnB. "O produto tem mercado. O Brasil importa 22 mil toneladas de borracha fumada anualmente, e não produz nem duas toneladas." Ele diz que os seringueiros gastam R$ 0,20 a R$ 0,40 para a fabricação de um quilo de borracha e podem vender o produto pelo preço da similar importada — entre R$ 2,80 e R$ 3,50. A UnB não pretende cobrar *royalties* pelo produto, mas quer manter o controle sobre a qualidade.

Pastore diz que a partir da consolidação da rede de produção na Amazônia, vai fazer um levantamento das árvores mais produtivas — que dão tanto leite que os seringueiros chamam de "vacas leiteiras". A partir daí, poderá selecionar sementes, para a reprodução e melhoramento da espécie. O plantio poderá ser feito na própria floresta ou até em outras regiões do país. Ele acredita que esta proposta será feita a institutos de pesquisa no início de 2001 e que em um ano de pesquisa terá o mapa genético das melhores seringueiras do Brasil. No futuro, as pesquisas poderão entrar em fase de melhoramento genético da espécie. O trabalho é inédito.

Nehil Hamilton



Escola do Projeto Seringueiro, desenvolvido pela UnB no Acre: novas tecnologias para ajudar a emancipar populações ribeirinhas

Arquivo

BID quer novo modelo de turismo ecológico para a Amazônia

Falta estrutura para o ecoturismo

Marcos Savini
Da equipe do **Correio**

Uma das maiores atrações turísticas do Amapá é a famosa pororoca. Porém, quem vai até Macapá imaginando que esse é o melhor caminho para assistir o fenômeno, logo fica frustrado. Não há estradas nem vôos regulares que levem rapidamente à região da foz do Amazonas. Para chegar lá, só de barco, em viagens de no mínimo seis horas.

Nos estados amazônicos, todos sabem que o ecoturismo é uma das melhores maneiras de desenvolver a economia da região e, ao mesmo tempo, ajudar a preservar o meio ambiente. Mas ainda há muito o que fazer para facilitar a vida dos turistas. "Não temos como levar os visitantes que chegam a Macapá para ver o fenômeno fantástico que é a pororoca", admite o governador do Amapá, João Alberto Capiberibe (PSB).

Para contornar o problema, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o governo federal fecharam um contrato, já aprovado pelo Senado, que irá canalizar mais de US$ 400 milhões para projetos de ecoturismo em todos os estados da Amazônia. Para a primeira fase do programa, chamado Proecotur, serão investidos US$ 11 milhões do BID e US$ 2,8 milhões do governo brasileiro.

VERBAS

BID e governo federal investirão
US$ **13,8** milhões
no ecoturismo da Amazônia

O dinheiro será aplicado, nos próximos três anos, em estudos sobre como melhorar as condições de acesso de turistas na Amazônia. Indicará, por exemplo, onde construir aeroportos e estradas e que cuidados tomar para evitar impactos no meio ambiente. Também serão identificados os principais pólos do turismo, incluindo os parques nacionais.

Quando terminar a primeira fase, espera-se que o Proecotur atraia cerca de US$ 200 milhões em parcerias com empresas privadas. De olho nesse mercado, o Banco da Amazônia (Basa) já reservou uma linha de US$ 400 milhões para os próximos quatro anos.

Os financiamentos cumprirão certas exigências. Terão de ser aplicados em preservação do patrimônio histórico, saneamento, utilização de fontes de energia limpa e treinamento das comunidades locais para que elas participem e também saiam ganhando com os projetos turísticos. "Não queremos repetir o modelo de turismo que existe em Cancún, onde os empréstimos foram direto para o setor hoteleiro; nossa preocupação é facilitar investimentos que beneficiem a população e a proteção ambiental", diz Juan Luna, representante do BID.

Alguns projetos já estão em andamento, com verba da Secretaria de Coordenação da Amazônia (SCA), órgão do Ministério do Meio Ambiente (MMA). No Maranhão, por exemplo, comunidades de cinco municípios já receberam treinamento para lidar com o ecoturismo. "A Amazônia do terceiro milênio é a Amazônia do desenvolvimento sustentável; é uma tendência irreversível", aposta Mary Allegretti, coordenadora da SCA.